

40° Encontro Anual da Anpocs

SPG18 - Mobilidades contemporâneas:
dimensões etnográficas e sociologia dos deslocamentos

No norte, no mundo, no trecho.

Notas etnográficas sobre mobilidade e modulações de pertencimento

Roberta Novaes

Notas prévias

Meu objetivo neste trabalho é refletir sobre o que constrói (desconstrói, reconstrói) o pertencimento em um contexto de *idas* e *vindas* de pessoas entre o *norte* de Minas Gerais e o *fora*, o *mundo*, o *trecho*, o *sul* – os termos grafados compunham o “léxico” dos meus interlocutores da pesquisa de campo realizada entre 2013 e 2015. Trata-se de entender o processo de feitura/ruptura de vínculos; saídas, retornos. Trata-se de, congregando uma dimensão temporal, pensar o que faz o tempo *forae* o tempo no *norte*, enunciando as apreciações morais feitas em torno do que é uma vida boa e uma vida ruim.

Dito de outra forma, argumento que a noção de ‘pertencimento’ é heurísticamente eficaz para compreender os deslocamentos e suas estabilizações. Contudo, é mister esclarecer uma premissa. Na esteira da proposição de Ingold (2011), em sua crítica ao modelo que preconiza certa “transmissão” da cultura, empenho-me em estruturar a análise não no sentido de “identificar” pertencimento dado, mas antes priorizar a reflexão sobre modos de ‘construir’, de ‘criar’ pertencimento. Jogo com a ênfase no ‘fazer’, no movimento, no que se faz e no que é feito para aceder ao pertencimento, bem como nas potencialidades de suas negativas.

Um punhado de comunidades camponesas dos municípios limítrofes Januária e Itacarambi constitui o cenário etnográfico da tese de doutoramento, da qual esse artigo é um recorte. Naquelas coletividades, apurei um significativo movimento, em especial para Ribeirão Preto e São Paulo, mas também para outras cidades do interior paulista e outras regiões, como o sul de Minas Gerais, Alto Paranaíba, Mato Grosso.

Esse trabalho é, portanto, um dos frutos das minhas andanças no norte de Minas – do meu *rodar no trecho*; meu *escapar no mundo* – para entender aquelas outras formas de *andar*, *rodar*, *escapar*, *espirrar*, *caminhar*: a que envolve a família e grupos mais amplos, através do exame das trajetórias individuais e familiares¹ de homens e mulheres. Aqui, remeto à noção que Bourdieu (1996, p. 189) designou como trajetória, isto é, a série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente em um espaço sujeito a incessantes transformações.

¹Referência à formulação de Garcia Jr. (1989).

Histórias² da permanência e da mobilidade

1. Dona Helena e sua família

Helena e José eram moradores de uma comunidade rural no Vale do Peruacu, Januária. Eles tinham cinco filhos homens. Em abril de 2015, as idades dos rapazes variavam entre 17 e 28 anos. Naquele mesmo período, ocasião em que nos conhecemos, dona Helena havia retornado do sul de Minas Gerais, onde colheu café, como seu marido José e seus filhos Jairo, Jean, João, Jorge e Jordan. Agora, estava decidida: não *sairia* mais. Ela havia ido ao *sul*, apenas para *ver como era, tentar. Seu lugarzinho era ali mesmo.*

Seu marido, que continuava no *sul*, havia lhe telefonado pedindo que vendesse a casa em que moravam e fosse embora de vez para lá. Dona Helena optou por não fazer o que lhe pedia o marido; permaneceria ali, no norte de Minas. Ela já havia plantado seus canteiros, estava criando suas galinhas; não gostava de cidade, além do mais, ali era um lugar muito sossegado. Estava decidida; não iria. *Lá* era muito perigoso. Ali, dona Helena ficava em casa sozinha (com deus), se preciso fosse. *Lá* não tinha como.

E seu José acabou *quietando* com essa história da venda da casa e da insistência com a mudança efetiva para o sul de Minas.

- Mas a senhora pode me contar um pouco, então?
- O motivo que a gente *sai* daqui?
- É.
- Então, os meninos meus saíram porque não tem estudo. (...) Meus meninos não quiseram estudar pra formar. Então tem que sair mesmo, porque aqui é muito fraco de serviço. Muito fraco mesmo. Aí saíram pra fora... Jean tem quatro anos. Aí já tinha um lá, né, dos meus meninos. Já tinha quatro anos que estava pra lá. Aí meu marido foi também pra lá, tá lá trabalhando até hoje.

²Todos os nomes de pessoas aqui utilizados são fictícios.

Ali no *norte*, dona Helena trabalhava como diarista, fazendo faxina, cuidando de crianças nas casas de sua comunidade ou em localidades vizinhas. *Dava para viver* com o que ganhava. O dinheiro recebido era empregado no pagamento da conta de água ou conta de luz, por exemplo. O que aquela senhora não queria era ficar *parada*.

Mas eu não tenho vontade de sair mais, não! A pessoa pra sair pra fora assim, é difícil demais! Ainda mais lá. A gente foi pra fazenda. Serviço de faxineira, a gente só acha na cidade. E da fazenda na cidade era muito longe. Aí, não tinha como. Aí eu trabalhei uns dias no café, parei de trabalhar, aí fiquei lá. Aí eu falei: Vou embora!

E então seu marido não era *incurtido demais com o sul*? Isso porque lá *tinhaserviço direto*! Colheita de café, adubação, plantio de mudas. “E não para, não”, observou dona Helena. Se não havia trabalho na colheita, *eramexer com silagem*. Quando não era em uma fazenda, era em outras.

Seu José havia dito à esposa que iria para casa em agosto. Dois de seus filhos *estavamcom mulher lá* no sul, minha amiga não sabia se eles viriam com o pai. *Porque as mulheres eram de lá*.

- Eles casaram lá?
- Arrumaram mulher lá e tá lá, né? Não sei se daqui até lá tá junto, e se vai vir ou se vai ficar. Eu acho meio difícil elas virem pra cá, porque o *norte* aqui judia! (Risos) Não é, Rosa? O *norte* aqui judia! Esse solão aí, tá doído!

Dona Rosa, em cuja casa se desenrolava essa conversa, e que era vizinha de dona Helena, não hesitou em colocar que não obstante a quentura do lugar, ali eles tinham a liberdade de trabalhar quando quisessem. Dona Helena objetou que isso só era possível para aqueles que trabalhavam apenas para si, não dependiam de trabalhar para outros, como lhe sucedia.

Mas só quem trabalha pra gente mesmo! A gente que trabalha pra gente mesmo a gente trabalha o dia que quer, a hora que quer. Agora quem trabalha pros outros tem que ter horário. E aqui o dia de serviço tá muito barato. Muito barato, barato mesmo.

Seu José, o marido de dona Helena, estava com 50 anos quando o conheci, em outubro de 2015, quando ele chegou do sul de Minas para o casamento de um dos filhos, que havia retornado antes. Como se pode perceber, ele não voltou em agosto daquele mesmo ano, como sua esposa havia comentado em abril.

Aquele senhor havia *nascido* em São João da Ponte, mas foi *criado* em Januária. Ele se mudou para Itacarambi no final dos anos 70, e depois para as Caraíbas, localidade rural daquele município. Ou seja, durante sua mocidade, viveu sempre pelo norte de Minas. Das Caraíbas ficou por ali, *tomou conhecimento*, foi trabalhando, trabalhando. *Adquiriu* família. Mas era só *ali*. De uns anos para cá, é que estava *saindo pra fora*, por causa das *crises* de chuva. Geralmente, contava-me seu José, “esse lugar nosso é um *lugar muito bom*, muito bom mesmo”. Se ali chovesse bastante, como antes, ele não *sairia pra fora*. *Ficar fora da sua família, ficar fora do seu povo, dos conhecidos todos?* Seu José não o desejava, me dissera.

Se ali fosse bom como era *de primeiro*, de jeito nenhum ele abandonaria *o que era seu para sair pra fora*. Mas depois que as coisas ficaram difíceis... Plantava-se uma roça, não dava; seu José sequer animava-se a trabalhar para si. Se Deus o ajudasse e ele não precisasse mais sair, seria bom. Mas se precisasse, não teria outro jeito. Em suas saídas, ele havia *tomado conhecimento* com o pessoal do sul de Minas.

- Mas por que o senhor voltou agora, pra cá?
- Eu voltei porque eu estava muito tempo fora de casa e deu saudade...
Eu tenho que ir em casa, né?

Posteriormente, ele agregou à explicação o casório de um de seus filhos, como fator da volta. Mas já estava querendo voltar. Se demorasse muito, se não arrumasse serviço, em quinze dias estaria *vazando*. Não daria pra ficar. Ganhar(dinheiro) ali era difícil, mas gastar era fácil demais. Quando se conseguia um *dinheirinho*, se ficasse *parado*, acabava tudo.

De primeira, era um mês de chuva, quando não chovia até mais. Agora, em um ano, no período de seis meses, que era o *período das águas*, dava apenas três ou quatro *chuvas*. Era isso que estava fazendo muitos saírem da região, seu José explicou-me. Porque caso chovesse, iriam plantar roça. Ali tinha terra boa demais! O problema era que tinha que chover para colher.

Quando considerava mudar-se em definitivo para o *sul*, seu José projetou cálculos para apurar o quanto lhe havia custado construir a casa no norte de Minas. Com isso, ele pretendia mensurar se compensaria vender aquela moradia e investir em uma nova construção na referida região de café. Seu patrão lhe havia cedido terra para fazer sua casa dentro da fazenda, aonde ele gostasse e escolhesse; e lhe mantinha disponível carro e moto para ir à cidade quando precisasse, para fazer compras ou o que fosse. “Dava para viver bem”, conjecturava. Seu José havia gostado muito de lá. “O pessoal era muito bom, os patrões muito bons”. Os patrões tinham casa na cidade, mas moravam dentro da fazenda. Ele e o patrão trabalhavam juntos. Este último lhe falava: nós somos uma família. Comiam até no mesmo prato. Não era gente de luxo. “Porque tem uns ricos de luxo”, sentenciava meu interlocutor. Mas aquele seu patrão, não. Sentavam todos juntos, almoçando, batendo papo, conversando: seu José e seus filhos, o patrão, a esposa e os filhos deles.

Sobre o sul de Minas, destaco a fala de Jairo, um dos filhos de José e Helena:

-É um lugar que corre dinheiro, mas ao mesmo tempo também, é um lugar muito perigoso.

-Por que perigoso?

-Porque, na verdade, todo lugar que corre bastante dinheiro é sempre perigoso. Então às vezes a gente não conhece quase ninguém, porque tem pessoas de todos os lugares, então tem gente boa, tem gente ruim. Às vezes por um vacilo da gente acaba acontecendo conflitos, brigas, assalto, muita coisa. A gente nunca sabe o que nos espera. Mas tirando essas partes aí, lá é superlegal, viu? Gostei de lá.

2. Seu Oliveira

Seu Oliveirasaiua primeira vez quando tinha 19 anos, em 1964. Foi para São Paulo *trabalhar: fazer serviço; limpeza de esgoto*. Meu amigo não foi só. Um colega de sua localidade de origem que era acostumado a fazer safra *lálhes* disse que quando a usina “abrisse para trabalhar”, tentaria arrumar-lhes uma vaga dentro da usina. O objetivo deles era trabalhar na usina.

Aquele rapaz arrumou três vagas na usina, para seu Oliveira e mais dois colegas. Foram lá, “encaixaram na usina”. Aqueles que nos primeiros anos não tinham

profissão nenhuma, eram colocados em *serviços gerais*, *serviços braçais*. *Serviços gerais*: o caminhão ia à *roça* buscar cana; quando chegava, entrava no barracão; o guindaste descarregava do caminhão, botava na pilha de cana. Seu Oliveira ficava ali. Tinha o cavalete, onde despejava a cana. Depois, aquele guindaste ficava a serviço das moendas. Faltava cana, tinha que levar para o cavalete. O cavalete colocava a cana, a cana disparava tudo, ia para o picador; este picava a cana, colocava nas moendas, e lá na frente saíam as garapas. O bagaço ia para um lado, as garapas para o outro.

Dali, seu Oliveira “começou a coisa”. Foi mandado para as caldeiras, auxiliar de serviço “lá dentro”. Depois, foi para as turbinas onde era feito o açúcar. “Turbinas de segunda”, que para as turbinas de primeira, precisava ter *prática*. Então seu Oliveira foi para turbina de segunda, aonde preparava a massa, até ficar no ponto para fazer o açúcar.

Quando terminou a safra, o gerente teria lhe falado: “Seu Oliveira, a sua vaga está aqui. O ano que vem você pode voltar que está seguro o seu lugar aqui”. Tinha *tudo* ali! Tinha hotel (uma pensão, falou depois), restaurante, salão de festa... “Quer dizer”, uma *usinaboade trabalhar*. Tinha os quartos onde *moravam* aqueles que trabalhavam dentro da usina; quem trabalhava fora, eram outras “colônias”.

Aí nós fomos pro corte da cana. E aí era produção, e não tinha negócio de dizer que era ganhar dia, não. E tinha uma senhora lá, por que era esposa de um dos donos, do *situante*. Aquela mulher é de ouro! Então, o que acontecia? Eu, como era bem fraquinho *de poder*, não tinha *costume de trabalhar*, chegava no final do mês, eu não tinha *saldo*. Aí o que ela fazia? Ela fazia um cata lá, daqui, dali, ela arrumava um dinheirinho pra mim. Falou: não, você não fica sem. Mas aquilo foi só o início do mês, do primeiro mês, porque a gente tinha contas a pagar com eles mesmo. Daí a gente ficou *livre*, logo, dentro de um mês e meio, dois meses por aí.

Até que ele *saiu* (a *gente*, usou novamente), e um colega com quem trabalhava perguntou-lhe se ele queria ir embora para seu estado natal. Disse a seu Oliveira que se ele quisesse fazer uma *temporada* em uma *fazenda*, eles deixavam para ir o ano seguinte à Minas Gerais. “Lá (nessa fazenda) nós vamos ganhar um bom dinheiro”, lhe teria falado. Meu interlocutor saiu junto com esse companheiro. Foi a “pior coisa” que fizeram nessa época, contou-me.

O novo trabalho no prometido lugar consistia em *arrancar toco*; cavar ao redor de um tronco de árvore, e depois cortar com o machado, deixando a área limpa para o trator

gradear. Começaram a trabalhar, e seu Oliveira ficou *esmorecido*. Não *daria* para ele. Um colega *mais esforçado* perguntou-lhe se ele estava *desanimado*. Seu Oliveira respondeu-lhe que não *aguentaria* aquele *serviço*. Mas tendo ficado, fez pouco *rendimento*. Meu amigo estava com mais dois rapazes, moradores de comunidades vizinhas à sua no semiárido mineiro.

Ó, os meninos – disse seu Oliveira aos colegas -; eu vou despedir de vocês. “Ah, moço, mas você vai deixar nós”, não sei o quê. Eu falei: vocês querem continuar por aqui? Eu vou voltar pra São Paulo.

Meu entrevistado pegou uma *charretezinha* até a estação de trem. Despediu-se dos *meninos*, com o “coração doendo”. Afinal, *onde estava um, estava o outro*.

Interrompo aqui a história de seu Oliveira, para analisar mais detidamente um aspecto sublimado naquela narrativa, enxertando outros depoimentos. Pretendo destacar a ideia com a qual finalizei o parágrafo precedente – onde está um, está o outro, e o quão significativa é essa perspectiva de uma referência conhecida, de *sair* com gente dali. Como me disse Danilo, rapaz morador da área rural de Januária, Vale do Peruaçu: cada *lugarzinho ali* (a constelação de comunidades em que pesquisei) tinha um nome, mas era *tudo familiar*. Cabe uma dupla interpretação para essa última expressão destacada: *familiar* no sentido de cogação e de aquilo que lhe é bem conhecido. Há uma terceira possibilidade aventada, de uso corriqueiro, mas que naquela fala não me pareceu intencionar: *familiar* costuma ser invocado também para caracterizar um ambiente respeitável, conectando família e moral.

Se eu andasse de cima a baixo, veria que era uma *família* só, tudo *misturado*, tudo *parente*, uma *parentagem* só! Um *emboleiro*, falou-me Vilma, outra agricultora, em outra ocasião:

Aí eu falo assim: Fulano é meu parente. Mas acaba que todo mundo aqui é parente um do outro. Até quem você não conhece, acaba sendo parente. O que não é primo, é sobrinho; o que não é sobrinho, é tio; o que não é tio, é cunhado! É cumadre! É não sei o quê! E vai assim, tudo assim!

E ainda, em outra conversa, com o casal Carlos e Abigail, ao perguntar sobre moradores próximos, eles me disseram: “(...) são nascido e criado aí, são amigos, mas o sobrenome deles não é o mesmo que o nosso, não. Não são parente nosso, não”. Seria gente de outra *nação*. Também tinha outro pessoal, contava-me seu Carlos, que era *parente*, mas um *parentinho mais terceirizado pra lá*. Ele e a mulher eram *primos carnais*: a mãe de seu Carlos era irmã do pai de dona Abigail.

Vieira (2015, p. 46) nos conta sobre o que significava ‘tocar parenteza’ na elucubração nativa por ela investigada: uma performance de conexão que atualiza alguns vínculos de uma rede de cognação indefinidamente extensível.

Um exercício muito comum que pode, por fim, descobrir ligação entre pessoas cujo vínculo de parentesco não era conhecido e novos pontos de contato entre já reconhecidos parentes. A parenteza remete à possibilidade de conexão virtual entre os moradores das comunidades (*Idem, ibidem*, p. 48).

Aproximo a análise de Vieira das formulações de meus informantes. A abordagem sobre o parentesco encontra nesse ponto a feitura do pertencer. O exercício da conexão dos vínculos do parentesco, com o qual também me deparei (a despeito de não ter sido na precisa expressão ‘tocar parenteza’) remete a uma das formas de fazer pertencimento: a elaboração do parentesco, que não tem a ver exclusivamente com uma questão genealógica ou de “sangue”. Ou ainda o “sangue” não se reduz à “biologia”, ele é também uma imbricação do social.

Mas, afinal, estava seu Oliveira em São Paulo, onde encontrou um novo trabalho³. Entrou numa *firma* de fazer pinceis. Nessa ocasião, os irmãos de seu Oliveira moravam em São Paulo. Havia uma senhora de uma localidade de Januária, que tinha uma casa cujos quartos ela alugava em São Paulo. Os que dali saíam, sempre iam para a casa dela; afinal, era de *conhecido*. Ficaram morando em um cômodo na casa dessa senhora. Seu Oliveira trabalhou por seis anos nessa *firma*.

Foi quando sua irmã casou-se com um rapaz, morador da comunidade vizinha, da zona rural de Januária. Aquele seu cunhado, também em São Paulo, havia saído de uma

³Nesse texto, selecionei alguns episódios da vida de seu Oliveira. Tivemos longas conversas, nas quais expôs com muito mais detalhes sua trajetória.

empresa e montou um *comercinho pequeno*; uma espécie de mercearia; “chamavam de empório”. Ele disse a seu Oliveira que queria que ele saísse daquela *firmade* pinceis, pois precisava de *gente da família para trabalhar com ele*. Ele aceitou trabalhar com seu cunhado.

Estamos nos primeiros anos da década de 1970. Depois de anos trabalhando no empreendimento de seu cunhado, seu Oliveira o deixa. Queria ganhar mais dinheiro, mas não podia “explorar” alguém da família. Após outras experiências, meu amigo vai trabalhar em uma loja de muito *movimento*, no Shopping El Dourado. E lá era assim! Um *pau danado!*

Passado um período, embora gostasse e se saísse muito bem naquela loja, mais uma vez, meu amigo *pegou, saiu*. Havia resolvido voltar ao norte de Minas. Embora contrariado, seu chefe o liberou sem contendas, uma vez que seu Oliveira havia sido tão bom funcionário. Ia ajudá-lo, mandou *acertar direitinho*.

-Saí, e vim aqui pra Minas; cheguei aqui, fiquei uns dois, três meses; eu criava um *gadinho* aí...
- O senhor voltou pra cá?

Meu entrevistado voltou para a casa dos pais⁴.Essa moradia era em uma localidade vizinha, e não exatamente onde ali nos encontrávamos. *Essa propriedade* – onde seu Oliveira vivia havia sido de sua avó. Quando criança, quando mais jovem, ele não morou ali. Adquiriu aquela terra posteriormente.

Entre essas idas e vindas, depois que o pai morreu, seu Oliveira voltou para São Paulo, em torno de 1983. “Deixei as *coisinhas* que tinha ali na mão dos *meninos*”, lembrou. As *coisinhas* eram seu gado. Embora não tivesse especificado quem eram os *meninos* naquele momento, em outra conversa seu Oliveira contou sobre um de seus irmãos que nunca havia *sáido*, e que ficara ali cuidando do gado do pai e do que era dos outros irmãos que estavam em São Paulo.

⁴Em algumas vezes, durante o tempo que passou em São Paulo, seu Oliveira levou os pais para fazerem tratamento médico. “Um de cada vez”, sentenciou.

E depois eu saí dessa *empresa*, fiquei mais que eu estava com o projeto de vir pra cá, mas tentando um *negócio*, tentando coisa, pra arrumar aqui, e aí eu fiquei assim, naquele período, comprava um carro, vendia outro, trocava por outro, naqueles feirões, *fazendo negócio*. E ajudava também esse cunhado que era comerciante ainda, nos fins de semana, ou a hora que ele precisava, ele me dava um alô pra mim, eu ia lá, substituir ele, e foi por aí, né? Quer dizer, eu fiquei assim um período de dois ou três anos.

Quando foi em 1988, seu Oliveira foi para Januária com *ideia feita*. Falou em trabalhar com *comércio*, *tentar ali*, onde era “só mato”praticamente. Abriria uma *casinha*, iria *começando*, porque comércio ali era pouco. Depois de chegar à Januária, Seu Oliveira comprou uma *propriedade* – aquela *propriedade*, em parte da qual residia – com dois de seus irmãos, que também passaram um bom tempo em São Paulo⁵; eles também haviam feito parte do *negócio*. Foi assim que meu entrevistado instalou ali um *comércio*. Ali era muito grande, disse-me. Ele comunicou aos irmãos que aquele era o seu *ramo*; que eles cuidassem da *parte de cima pra fora*, e ele ficaria com a parte do comércio. A *propriedade* comprada pertencera a uma tia.

Montou (o comércio, por suposto). Depois de *montar*, foi que *arrumou família*, e de família vieram os *herdeiros*. Estava *faltando só o que fazer para dar aos herdeiros*, observou. A coisa estava apertando, arrojando a cada dia, um pouco difícil. Apesar de tudo, *graças a deus*, a família estava *andando bem, razoavelmente bem*. Desse jeito estavam levando a vida.

Seu Oliveira tinha quatro filhos: “Eu casei muito tarde, são todos novos. O velho que tem aqui é só eu!”, disse-me. Depois que casou-se (sua esposa era da comunidade vizinha), ele nunca mais *saiu*.

Não, às vezes eu já fui assim, *passear*; mas pra *trabalho*, não.

Seu Oliveira completaria 71 anos em dezembro de 2015.

- Da primeira vez que o senhor foi pra São Paulo, por que o senhor foi pra lá?
- Olha, naquele período, a *ilusão* daqui era essa. Todos os jovens, na faixa entre 18 e 20 anos; não ficava um. Só que eles iam, só que é

⁵Seu Oliveira havia notado que o retorno de São Paulo deu-se com um dos irmãos.

como eu disse: a *intenção* mais era *usina*, porque, em São Paulo ia muito também, mas aqueles que iam pra São Paulo, sempre ficavam lá. Como a gente tem muitos desses que foram e até hoje não voltaram pra cá, estão estabelecidos lá; tem muitos que estão muitíssimo bem financeiramente, proprietários. E a gente quando tinha *as ideias divididas assim, não sabia se era lá ou se era aqui*, acabou dando nisso aí. Então foi assim que aconteceu. Um pouco daquilo que foi o sofrimento, que foram mais do que as conquistas que eu tive.

3. Seu Fagundes

Umbigo enterrado no chão: disso falou-me seu Fagundes, *nascido* em uma comunidade no Rio dos Cochos, Januária onde vivia. Seu pai e sua mãe tinham mania de enterrar o umbigo na porteira, explicou-me... “Aí, não sai”. Às vezes, até sentia vontade de sair, mas quando ia *sair fora*, voltava de novo por causa do umbigo que estava enterrado.

De acordo com seu Fagundes, no Rio dos Cochos, a *tradição* era criar boi, embora recentemente estivesse mais “complicado” para fazê-lo. Os moradores e moradoras dali estariam voltando a criar pequenos animais, galinha caipira, produção de mel de abelha, “plantas do fundo dos quintais que a gente tem”, como “alternativa”. Para aquele senhor, era preciso mostrar às pessoas que seria possível “viver com isso, conviver com isso”.

Aquele senhor dizia-me que eram frágeis demais as comunidades rurais do semiárido e que as pessoas tinham dificuldade de *viver* a vida ali, que o ambiente seria muito “desproporcional”. Exemplificando, seu Fagundes recorreu à comparação entre o semiárido e o *ambiente* do sul de Minas:

A gente fala assim: o norte de Minas é um e o sul de Minas é outro *mundo*. Quantas pessoas já foram para o sul de Minas trabalhar porque aqui não tinha trabalho para fazer? Então eu vejo isso como uma fragilidade que a gente tem muito grande. Por exemplo: vai estudar, os filhos vão estudar, mas que eles voltem pra cá pra comunidade para que possa ter um suporte para trabalhar e viver aqui também, não é só lá na cidade que a pessoa tem que viver. (...) Pra você *viver* no semiárido é bom, mas pra você *sobreviver* do semiárido, está sendo complicado.

Difícil era lidar com as “intempéries” como a falta de chuva, pensava ele. No norte, em suas comunidades, havia “qualidade de vida”; viver ali era “bacana, todo mundo quer viver”. Seu Fagundes gabava-se de viver em um lugar em que se podia dormir com as portas abertas, como na Roda D’Água, onde não havia “ninguém para perturbar”:

E também aqui, todos *somos parentes* aqui, que não é parente, *somos todos amigos* aqui. *Todo mundo conhece todo mundo*. (...) Nas *comunidades*. Por exemplo, na comunidade Roda D’Água tem gente casada com gente de São Bento, e com o pessoal da Sambaíba; o pessoal vive assim. As pessoas são parentes, são *conhecidos*, são... Tem afinidade uns com os outros, e assim vivem em harmonia. Uma das coisas que a gente vê aqui no Rio dos Cochos é isso. A gente fica preocupado quando chega uma pessoa de fora, que você não conhece... “O que essa pessoa está fazendo aqui, que ninguém conhece”?

Seu Fagundes nos conduz através de um glossário que se espraia em uma semiótica articuladora de múltiplas dimensões de lugar e momento: *nascer, umbigo enterrado no chão, ambiente, tradição, viver, sobreviver, conviver, mundo*. Assim, o *ambientado* sul e o do norte de Minas podem ser marcadamente diferentes sob um prisma, mas a distinção não é estanque. As oposições constroem-se relacionalmente, e não em uma perspectiva absoluta.

O *mundo* constitui-se, também, por sua vez, uma categoria em movimento: o *mundo* não é; o *mundo* está. O *mundopode* estar no semiárido ou também no sul de Minas. Ou o *mundopode* ser a comunidade e/ou as pessoas todas *amigas, parentes, conhecidas*, que se *conhecem* todas entre si. O *mundo* também *anda*.

Meu amigo e sua comunidade, e sua região, o Rio dos Cochos, estavam *lutando* há 15 anos. De acordo com seu Fagundes, grandes empresas de carvoaria ali chegaram, desflorestaram. Levaram plantas exóticas para ocupar o lugar das nativas, sem saber se havia potencial de produção, o que de fato não houve. Os projetos foram implantados, a área desmatada. Sem um trabalho de proteção de solo, a enxurrada do rio em cima das terras desmatadas provocou o assoreamento das nascentes. As comunidades ficaram com o “desastre ecológico”.

Esse processo de desmatamento mencionado por seu Fagundes ocorreu, ou teve seu início, nos anos 80. Meu interlocutor mencionou aquele período como sendo do “cinturão verde”. O plantio de eucalipto na região do Rio dos Cochos não foi precedido por um estudo sobre o impacto possivelmente causado na natureza do local. De modo mais técnico, seu Fagundes explicou-me que não houve uma análise antes da execução daqueles empreendimentos, como sobre qual plantio seria adequado à *quartzosa*, o tipo de solo local. “Porque eucalipto realmente só dá produção 750 metros de altitude”, disse. Essas eram coisas que eles iam *andando* e *buscando*, *entendendo*. *Andar*, *buscar*, *entender*, *conhecer*. É *andando* e *buscando*, que se *conhece*. Pode-se dizer que se anda pra conhecer?

Mas *naquele tempo*, *ninguém sabia nada*. As empresas que então aportaram não “tinham nada para oferecer para ninguém”; não tinham *vínculo* com a comunidade:

Vieram, implantaram o projeto, foram embora, e nós que vivemos aqui, *nascemos* e *vivemos* aqui, ficamos com essa bomba na mão até hoje.

Seu Fagundes desejava que as gerações vindouras, como seus filhos e netos, mantivessem o mesmo propósito de “recuperar a qualidade de vida” que ele e de viver em paz, “de ter resgatado isso”. E que o poder público também atinasse para a importância de criar condições de vida e trabalho no meio rural. Aquele senhor reproduzia a ideia de que alguém que deixa o seu *habitat* para ir viver na cidade, pode tornar-se um *favelado*, criando mais “problema para a comunidade”.

Indagado por mim sobre o que seria “conviver com o semiárido”, expressão que por vezes escutei, seu Fagundes pontuou que seria adaptar-se às condições do semiárido. Porque não adiantaria querer viver como em outras regiões, onde há chuva regularmente.

Porque aqui chove três meses por ano, chove 200, 300 ml em dois, três dias. Fica um mês, dois, três meses sem chover. (...) Eu nasci no campo... Que nem o cara perguntou: qual foi o rio que te criou? O rio que me criou foi o Rio dos Cochos. Eu nasci nele aqui e me criei no rio. Foi o rio que me criou foi o Rio dos Cochos. Hoje eu tenho esse vínculo muito forte com ele porque eu conheci o rio... Quando você vê ele assim seco...

Havia uma sequencia de oito comunidades ao longo do Rio dos Cochos. Embora fosse um contínuo, mudavam os nomes e o bioma. A localidade onde vivia seu Fagundes estava quase no meio da extensão do rio, considerando da nascente para a foz.

Em alguns trechos, a terra era mais *fraca*; em outros, era *terra decultura*, *terra de aroeira*, *de mata*. Contudo, não bastava uma terra com muita *cultura*, se não chovesse. Ela não produziria. Era preciso chuva para produzir.

Os três filhos moravam com esse senhor com quem eu conversava. Dois moravam, “definitivamente” e *mexiam* com vacas de leite. Um dos filhos alternava períodos na casa paterna e fora.

Era preciso, portanto, assegurar uma renda semanal, que desse “dignidade à pessoa”. Afinal, eles queriam “comprar uma moto, eu quero ter meu celular, eu quero ter a minha casa para morar sossegado... Eu quero ter as minhas coisas bacanas também”. A mensagem era que o fato de serem moradores da ‘roça’ não redundava em um viver destituído do acesso à tecnologias e conforto.

Esse senhor mostrou a mim e aos estudantes da UFMG que os acompanhávamos nesse momento as curvas de nível, barraginhas de contenção, topo de morro que haviam feito, com o intuito de recuperar o rio, ‘revertendo’ o assoreamento. Falar na existência pretérita do riacho que outrora corria causava-lhe *dor*. Seu Fagundes *pelejava* com seus companheiros para mudar aquela situação.

4. Arlesiana

Arlesiana nasceu em 1957. Tinha cinco filhos com as idades de 42, 41, 38, 23, 16 anos. Minha amiga era *solteira*. Entre seus irmãos e irmãs, ela foi a única a não casar-se. Os outros “já tudo de idade” tinham a vida deles, falou-me Arlesiana. Seus filhos não eram todos do mesmo homem.

Minha entrevistada *estava lá, mexendo na luta, labutando, plantando, criando um bicho aqui, outro dali*. Sempre *lutando!* Havia se aposentado, mas *mesmo assim*, estava na *luta*.

Estávamos em junho de 2014 e apenas o filho caçula morava com a mãe, *por enquanto*: mas já estava querendo ir para Ribeirão trabalhar. No ano seguinte, talvez esse rapaz se casasse. Duas filhas moravam em São Paulo; essa última moça morava com o namorado. Um dos rapazes morava em Ribeirão Preto.

Depois que eles decidiram, com 18 anos, *um foi pra um canto, outro foi pro outro*. Decidiram trabalhar para ter as vidas deles, contou-me a mãe. O rapaz que morava em Ribeirão Preto trabalhava como pedreiro, morava junto com a mãe de sua filha, mas não chegou a casar-se, oficializar a união. A moça também era dali de Januária, de uma das comunidades rurais.

Quando a filha mais velhasaiu, foi trabalhar em São Paulo, em casa de família. Lá, conheceu um rapaz que era de outra localidade dali, casou-se com ele. Depois que casou, deixou de trabalhar para poder cuidar dos três filhos, com idades de 13, 10 e 8 anos, na época em que conversei com Arlesiana.

Além dos filhos, aquela senhora tinha irmãos e sobrinhos em São Paulo. A forma de contato com os filhos e outros familiares que estavam fora se dava usualmente através de telefones nas casas de vizinhos. Quem estava fora ligava e pedia ao vizinho que chamasse aquela pessoa com quem se desejasse falar. Outra maneira era através do telefone público em um pequeno povoado local, ou no telefone público da comunidade vizinha. Porém, este último tinha com recorrência problemas de funcionamento, ficando bastante indisponível.

Em 2015, ela *andou mexendo* com uns papéis para aposentar; se aposentou. Se ela não conseguisse... Nem sabia o que seria de si. A sua *valência* eram os seus filhos, seus irmãos, sua tia. Quando ela não tinha as coisas – comida, subentenda-se e outros itens fundamentais -, eles davam. Ali, disse-me Arlesiana, *ali* era uma família só, tudo junto e misturado!

Quando era mais jovem, *estava mais era pra São Paulo*. Voltou a morar no norte de Minas quando sua mãe faleceu, o que tinha ocorrido há nove anos.

- Mas em São Paulo, a senhora ficou muitos anos lá?
- Fiquei, moça! Tinha vez de... A primeira vez, eu fiquei nove anos. Tinha uns 15 anos. Aí eu fui muito novinha pra lá.

Arlesiana teve um problema na perna aos 12 anos e foi para São Paulo com um tio para se tratar. Teve que fazer uma cirurgia, recuperou-se e ficou para trabalhar. Ia *passar* em Januária, voltava de novo. Ficava um ano, um ano e meio, dois anos. Ia ao norte de Minas. Arlesiana morou um pouco mais de um ano na cidade de Januária.

Estava em São Paulo, *enjoou* de lá, ficou em Januária mesmo. Voltou para São Paulo de novo.

Quando sua mãe faleceu, foi para a comunidade. Sua mãe cuidava de uma irmã que era deficiente, que morava numa casa próxima no povoado. Quando sua mãe faleceu, não tinha quem cuidasse dessa tia. Arlesiana voltou de São Paulo para cuidar daquela senhora. Na ocasião em que conversamos, ela continuava a cuidar da tia. Minha entrevistada residia na casa onde a mãe morou. Os pais haviam se separado. O pai morava em uma casa no mesmo terreno que o filho, na comunidade próxima. Eram 12 irmãos.

- E a senhora ia pra São Paulo, por quê?

- Trabalhar, minha filha! (Risos)

- Trabalhar?

- Eu ia trabalhar porque o ganho aqui era muito difícil. De ganhar aqui. Porque de uns tempos pra cá, você planta, não dá. Porque falta de chuva. Aí a gente *sai pra fora* pra ver se ganha alguma coisa melhor. Pra poder sustentar os filhos. Aí a gente saía pra ir trabalhar lá, mas aí depois voltava, vinha a passeio, tornava a voltar de novo. Teve dois filhos meus, a Elisângela e o Robson que quem criou foi a minha mãe. Quem criou foi ela, porque eu tinha que sair pra trabalhar. Depois que eu arrumei esses outros que deu pra mim sossegar mais. Porque filho pequeno para poder deixar com os outros, não dá. Mas ainda assim, eu deixava com ela aqui e ia trabalhar. Aí no ano que completava um ano lá trabalhando, eu voltava. Era assim pra poder viver a vida.

De uns tempos pra cá, Arlesiana deu para trabalhar *ali* mesmo. Não plantava *roça*, mas o *quintal*, uma *horta*, tinha umas galinhas. No *quintal*, plantava milho, mandioca, feijão, pé de laranja, abóbora. Mas ali era um lugar, que quando chovia, dava. Quando não chovia, morria tudo. Mesmo a mandioca que plantava, não ia *arriba*, não ia em frente, disse-me essa senhora⁶. Ali, tinha uns *filhos de deus* que davam a mandioca para raspar, e assim ela tinha a tapioca. De vez em quando, ela vendia galinha, vendia ovo, o que “já é um lado”. Ia juntando, já dava para comprar um saco de milho, que ali custava em torno de 35 reais. O frango poderia ser vendido a 20 reais; um maior vendia-se a 30. Tinha gente que passava querendo comprar, vizinhos, *vizinhos de fora* também.

⁶ Na *roça*, plantava-se o milho, o feijão, a mandioca, a abóbora, no mesmo jeito que no *quintal*, se neste houvesse espaço, explicou-me essa senhora. “Era a mesma coisa que na roça pra lá”. Arroz ninguém plantava mais, para não desmatar na beira do riacho, “eles” (referindo-se aos órgãos ambientais) não deixavam mais. Então, observava Arlesiana, ia ficando um lugar assim, *meio difícil*.

O dono de um bar na comunidade onde ela morava era um dos que comprava galinha, para prepará-la em seu estabelecimento, pra vender *pro povo, o pessoal que chegava de fora*.

- Em que a senhora trabalhou lá em São Paulo?
- Eu sempre trabalhei como empregada doméstica; sempre eu trabalhei foi em casa de família.

Arlesiana trabalhou durante nove anos em uma mesma casa como empregada doméstica. Depois trabalhou um ano em uma casa, dois anos e meio em outra. De São Paulo mudou-se para Botucatu, com a família em cuja casa trabalhava. Ela ficou um ano e meio em Botucatu, depois voltou ao norte de Minas: “Ah, eu não vou ficar aqui mais, não! Eu vou embora!”, decidiu.

Foi nesse período que ela ficou em Januária e teve os outros dois filhos. Deixou-os com a mãe e foi trabalhar em São Paulo de novo, sempre em casa de família. Nunca trabalhou em fábrica, em loja, essas coisas, porque seu estudo não dava para *essas coisas*. Naquele tempo, os pais não deixavam os filhos irem para a escola, porque tinha que ir pra roça trabalhar.

Depois de um tempo, Arlesiana voltou a estudar em São Paulo, mas não levou os estudos adiante. Sua mãe estava doente, a levaram para São Paulo. Quando ela melhorou, não havia quem voltasse com ela. Foi preciso que ela largasse o *serviço* pra ir com a mãe a Minas. Tal como na história de seu Oliveira, me pareceu que o filho solteiro ou a filha solteira é quem se encarrega do cuidado com os pais idosos, como conduzi-los a outro lugar para tratamento médico, entre outras contingências.

À guisa de considerações: esboçando sentidos do pertencimento

O que denomino como pertencimento é a lógica subjacente ao que condense na reprodução de uma formulação recorrente ouvida por mim no tempo que permaneci no

norte de Minas: “(vivi) *A vida toda aqui. Mas sempre saindo pra fora*”. Penso que as relações tecidas são o cerne do pertencimento (e não os lugares; estes se fazem pelas relações). Seguindo o mesmo “percurso”, busco entender o que faz com que as pessoas deixem São Paulo (mais frequentemente) depois de vinte anos, para voltar a viver no semiárido mineiro. A afirmação colocada em destaque por mim parece sugerir que a “vida” é o que acontece no *norte*. Nessa perspectiva, tenho desdobrado a análise focando na vivência de relações para as quais estar ali, ter acesso à terra, ao gado, às casas, à família, entre outros, tem um peso importante. Contudo, me parece ser possível também, da perspectiva daquela gente, a partir de determinadas condições reconstruir no *fora*, em São Paulo, no sul de Minas, etc, em alguma medida aquele *norte*.

Ser *nascido e criado* em um lugar; ter uma família como *pedra fundamental*; ter *umbigo enterrado no chão*, pretender *construir*(*casa, vida*)– verbo por vezes acompanhado por complemento, outrora surgido como intransitivo - na exegese nativa. Pertencer é ser próprio de (algo); (perten)cimento é substância que edifica, estrutura. *Chão, pedra, construção*. Não obstante a concretude expressa nas formulações, os lugares são feitos pelas relações; e não o contrário. A respeito, trago a proposição de Ingold de conceber os lugares menos como ‘locações’ a serem conectadas, mas como formações que se dão no processo de movimentar-se.

I purposefully use the word ‘inhabit’ here, rather than ‘occupy’, since (...) it is this mutual constitution of persons and places that distinguishes the process of habitation from mere occupation. The occupant takes up a position in a ready-made world; the inhabitant contributes through his or her activity to the world’s ongoing regeneration. (...) places are not so much locations to be connected as formations that arise within the process of movement (Ingold, 2011, p.168)

Orientando-me por essa lógica, também me parecem fecundas as noções de *storiedknowledge* (ou *conhecimento estoriado*, em livre tradução) e *meshwork* de que fala aquele autor, por realçarem a ação dos sujeitos na ‘fabricação’ dos caminhos, do mundo e da vida:

The division between vertical and horizontal axes of integration itself belongs to a colonial imaginary that sees the world spread out before it like a surface to be occupied, and whose contents are to be collected, inventoried and classified. The lives of inhabitants,

however, are not inscribed upon the surface of the world, but woven into its very fabric. As they meet up with one another and go their various ways, their paths converge and diverge to form an ever-extending, reticulate meshwork. This is the meshwork of storied knowledge (*idem, ibidem*, p.168).

Nesse debate, é interessante o trabalho de Weiztmann (2015), que aponta para a plasticidade de significados das idas e voltas dos mineiros entre o Rio de Janeiro e Minas Gerais. Os protagonistas não se posicionam nem aqui nem lá; são novas formas de subjetivação. Em diálogo com Sayad (2000), ela destaca a fronteira entre o ser e o não-ser social, marcador do status do “migrante”. Assim, os processos identitários dos mineiros são marcados por estado de alteridade. A relacionalidade é pano de fundo para os processos de deslocamento. Os mineiros explicam sua ida para um lugar estranho a partir da teia de relações construídas com parentes, conhecidos, colegas. As idas e voltas se perpetuam no tempo. Há tentativas de manter contato com o lugar de origem através de viagens para comemorações com familiares e processos de levar e trazer alimentos e comidas, o que engendra uma gama de relações.

Carol Stack (1996) também contribui de forma significativa para pensar movimentos de “retorno”, escrevendo sobre o movimento de negros americanos ao sul rural depois de algum tempo de emigrados para o norte. A autora argumenta que não se pode compreender esse movimento a partir de razões econômicas: se a pobreza e a falta de recursos e possibilidades aparecem como justificativas para a ida para o norte (o contrário do caso por mim analisado), isso não justificaria o movimento de volta, uma vez que não se registrou uma mudança para melhor das condições da vida no sul. Destacando a complexidade desses movimentos, a partir dos anos 1970, Stack (1996) observa que:

“The people who are moving south are leaving cities where the economy has stagnated and returning to places where the economy has all but disintegrated – to homeplaces categorized by the U.S. Department of Agriculture as counties of “persistent poverty”. Why would anyone move from bad to worse? (...) For all of us, in good times and bad, the image of home is multilayered, and the notion of return is unsettling (STACK, 1996, p. xiv-xv)”.

O verbo *construir*, em especial na conotação intransitiva: sobre ele, Guedes (2013) escreveu que, seu uso remetido a projetos e sonhos nutridos, na maior parte das vezes, pelas mulheres interlocutoras de sua pesquisa, sugeria:

(...) os sentidos atribuídos aos esforços e iniciativas de “construção” – enquanto prática genérica de criação – são em grande medida referidos ao modelo oferecido por uma forma de construção particular – a da *casa*. No que se refere às práticas criativas ou construtivas, a casa é assim “boa para pensar”, conforme a célebre expressão de Lévi-Strauss. A *casa*, idealmente, remete à singular *duração* das coisas estáveis e sólidas, almejadas e mantidas a duras esforços diante das forças disruptivas do *mundo*. Lembremo-nos, a esse respeito, da frustração de Elenita, que por um tempo vislumbrou a possibilidade de ter sua *própria* casa, onde moraria junto com o marido e os filhos. E de como ela não se incomodava com a ideia de começar vivendo num lugar precário, num *barraco* – desde que eles pudessem melhorar de casa pouco a pouco, *evoluindo*... O construir enquanto processo está marcado assim (...) pela ideia de *evolução*. *Evoluir* é, assim e de acordo com o modelo fornecido pela *casa*, *construir*(2013, p.226).

O pertencimento modulado⁷ pela permanência ou pela mobilidade – não enquanto pontos contrapostos, ou ao menos somente idealmente contrapostos, no sentido weberiano, e mais enquanto infinitas combinações arranjadas, no tempo e no espaço - ou ainda pelas possibilidades de construção/reconstrução de relações referidas ao norte ‘no’ *fora*, acaba sendo condição substancial para *sair fora* ou *voltar pra trás*, *espirrar*, *rodar*, ou *não sair nunca*. E aquelas relações ancorativas não estão dadas e nem pré-fixadas. Elas se transformam. Assim, se em dada circunstância ter mulher e filho em tal lugar é a razão para nele permanecer, mais à frente pode ser que aquilo não baste para *não sair*.

De modo mais amplo, ainda que nesse artigo eu esteja falando de pertencimento, este se conjuga com outra dimensão da feitura, o conhecimento, no esboço geral daquilo que tento teorizar na tese de doutoramento. Um modo de fazer pertencimento através da conjuração de relações – como o tocar ‘parenteza’ mencionado por Vieira (2015) - e fazer conhecimento através de *andar*, *caminhar*, *procurar*, *caçar* – são dimensões de uma forma eminentemente prática, no sentido de experimentação, de conceber a existência e de valoração da *liberdade*, ou da *liberdade* como um valor, na medida em

⁷A metáfora aqui alude à modulação de sons, da passagem de um tom a outro segundo regras da harmonia musical (ver Dicionário Aurélio, 2000). Da mesma maneira, penso o pertencimento como um alinhamento com noções de harmonia/desarmônia da experiência social.

que busca escapar do *cativeiro*, nas suas inúmeras formas de captura e do aprisionamento da vida (Vieira, 2015)⁸.

⁸Há uma ampla e fecunda literatura sobre o *cativeiro* produzida no Brasil. Contudo, aqui referenciarei dois trabalhos mais recentes: Guedes (2013) e a tese de doutorado de Vieira (2015).

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas, SP: Papirus, 1996.

GARCIA JR, Afrânio Raul. **O Sul: caminho do roçado. Estratégias de reprodução camponesa e a transformação social**. São Paulo: Marco Zero. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília: MCT – CNPQ, 1989.

GUEDES, A. D. **O trecho, as mães, os papéis. Etnografia de movimento e durações no norte de Goiás**. São Paulo: Garamond, 2013.

FERREIRA, A. B. H. **Miniaurélio escolar. Minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000.

INGOLD, Tim. **Being Alive. Essays on movement, knowledge and description**. Routledge, 2011.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 2000.

STACK, Carol B. **Call to home. African Americans reclaim the rural South**. Nova York, Basic Books, 1996.

VIEIRA, Suzane de Alencar. Resistência e *Pirraça* na Malhada. Cosmopolíticas quilombolas no Alto Sertão de Caetité. **Tese de doutorado**. PPGAS/MN/UFRJ. Rio de Janeiro, 2015.

WEBER, Max. A objetividade do conhecimento nas ciências sociais. In: COHN, Gabriel (Org.). FERNANDES, Florestan (Coord.). **Weber – Sociologia**. Coleção Grandes Cientistas Sociais, 13. São Paulo: Ática, 1999.

WEITZMAN, Rodica. Mineiros no Morro dos Prazeres: Trajetórias marcadas pelo fluxo entre a roça e a cidade. In: COMERFORD, John; CARNEIRO, Ana; DAINESE, GRAZIELE (orgs.). **Giros etnográficos em Minas Gerais. Casa, comida, prosa, festa, política, briga e o diabo**. Rio de Janeiro: 7 Letras: Faperj, 2015.